

A FALA POPULAR DO BRASILEIRO E AS RAÍZES VINDAS DO TUPI

Manoel Valente Barbas

Resumo: *O homem rural, no Brasil, mais conhecido como “caipira”, tem no seu falar uma certa característica com relação às letras **R** e **L**, herdada do linguajar do índio que, ao contacto com o português, aplicava, nessas letras, uma dicção peculiar que foi passada naturalmente para as gerações futuras.*

Abstract: *Rural people in Brazil, known as “caipiras” (“hicks”), have in their speech a characteristic related to the letters “R” and “L” which is inherited from native indian speech. Once in contact with the Portuguese language, Brazilian native indians developed a peculiar articulation of the letters “R” and “L” that was passed on to future generations.*

Há duas características fundamentais na fala do chamado “caipira brasileiro” relacionadas com o **r** e com o **l** que, salvo engano meu, nunca se tem visto ou ouvido de onde tenha vindo esse cacoete na nossa dicção. Trata-se de palavras como **porta**, em que o caipira pronuncia o **or** com um som característico, com a língua revirada na boca (**pooororta**); ou o **l**, de balde, por exemplo, em que o **al** sai como se dito como **ar**, ainda com a língua revirada na cavidade bucal (**baarde**).

Analisando a língua tupi, conclui-se que esse “cacoete” é histórico, redundante de dois pontos principais:

- 1º) Na língua tupi o som do **r** é sempre brando, como o **r** no interior das palavras em português (**parada**, **Amaro**, **arara**), mesmo que esteja no início dela (**Nota 1**);
- 2º) Não existe o **l**, em tupi. As palavras de tupi, com **l**, que chegaram até nós, foi por mal entendimento dos portugueses, quando para aqui vieram, devido a pronúncia indígena do **r** inicial da palavra, com o som abrandado, como nos referimos acima, que confundiu os ouvidos dos

lusos. Tanto que a palavra Lambari, que deu nome à cidade de Minas Gerais, veio de ramberi, nome de um peixe (**Nota 2**).

Ora, havendo esses pontos de discrepância de pronúncia acima apontados, houve dificuldade do nativo ao dizer palavras em português que continham essa diferença com a sua língua. Ao entender que a folha de madeira que fechava a entrada de uma casa ou aposento chama-se **porta**, o nativo e depois os seus descendentes, e mesmos os escravos africanos por imitação, criaram como que um dialeto para expressar a sílaba contendo o **r** forte, no meio da palavra (poooooorta). E, não havendo o **l**, em sua linguagem, a vogal seguida por **l**, como em balde, tornou-se um som característico, puxado para **r** (baaaarde).

O mesmo se pode dizer do **lh**, outro impasse no aprendizado da língua portuguesa, pelo nativo: som inexistente em sua língua. Pela imitação deficiente, uma palavra como **trabalho**, acabou virando **trabaio**; e **palha**, **paia**. O mesmo para o L final da palavra (**cantarr**).

É admirável que esse fenômeno fonético não seja ensinado, ou pelo menos aclarado, nas escolas. Fica nos “letrados” uma impressão negativa de falta de capacidade dos menos dotados da população (**Nota 3**). No entanto, é um fato histórico, ligado a nossa formação híbrida, como Nação.

Nota 1 – “Vocabulário TUPI, GUARANI, PORTUGUÊS, de Silveira Bueno, 1.983, pág.251.

Nota 2 - Ainda Vocabulário TUPI, GUARANI, PORTUGUÊS, de Silveira Bueno, 1.983, pág.167.

Nota 3 - No início da década de 60, do século passado, houve um curso de dicção, com a professora Maria Tereza Carvalho, onde ela ensinava, talvez temendo que os alunos tivessem o “cacoete” herdado dos nossos gentios: “O **R** deve ser rrrrrrolado”. E ficava, com a língua vibrando, emitindo o som do **R** (**RRRRRRRRRR**), repetidas vezes. Queria, com isso, exorcizar a turma desse hábito secular do povo brasileiro de derrapar nessa letra “fatídica”.